



ARTIGOS / ARTICLES

EM SI ÔNTICO: INDIVIDUAÇÃO E PESSOA NA ONTOPSICOLOGIA

The ontic In-Self: individuation and person in Ontopsychology

Bruno Fleck da Silva¹

RESUMO: Tratar da noção de pessoa é ir diretamente ao núcleo do problema da identidade. A perspectiva hodierna marcada pelo ideal de “pós-modernidade” parece trazer à tona esta problemática em meio ao contexto social em que nos encontramos que permite atribuir à identidade, seja ela enquanto experiência subjetiva, seja ela enquanto discurso filosófico inúmeros significados. Assim, a problemática exposta no presente ensaio visa apontar para a perspectiva desenvolvida por Antonio Meneghetti em sua vasta bibliografia e na práxis empírica da Ontopsicologia, movimento por ele fundado na Itália no fim dos anos sessenta. O que de imediato se adianta é que a Ontopsicologia responde ao problema universal da noção de sujeito pela noção de pessoa, expressa, a partir da tradição aristotélica, na singular categoria de individuação: o Em Si ôntico. Esta, por sua vez, é o critério epistêmico da operatividade da Escola Ontopsicológica.

PALAVRAS-CHAVE: Ontologia; Pessoa; Individuação; Fenomenologia; Ontopsicologia.

ABSTRACT: Dealing with the notion of person is going directly to the core of the problem of identity. The current perspective marked by the ideal of “post-modernity” seems to bring up this issue in the midst of the social context in which we find ourselves, which allows attributing to identity, whether as a subjective experience, or as a philosophical discourse, innumerable meanings. Thus, the problem exposed in this essay aims to point to the perspective developed by Antonio Meneghetti in his vast bibliography and in the empirical practice of Ontopsychology, a movement he founded in Italy at the end of the sixties. What immediately emerges is that Ontopsychology responds to the universal problem of the notion of subject through the notion of person, expressed, from the Aristotelian tradition, in the singular category of individuation: the ontic In-Self. This, in turn, is the epistemic criterion of the operability of the Ontopsychological School.

KEYWORDS: Ontology; Person; Individuation; Phenomenology; Ontopsychology.

Quando afrontada, a constituição etimológica de pessoa nos leva de imediato, conforme asseguram muitos dicionários, sejam aqueles de uso conceitual linguístico, bem

¹ Doutorando em filosofia pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e professor da Faculdade Antonio Meneghetti (AMF). E-mail: bruno.fleck@hotmail.com. O presente texto originou-se a partir da comunicação intitulada: “O Em Si ôntico: individuação e pessoa na Ontopsicologia” desenvolvida no Seminário Internacional “The Idea of Person – Between Being and Becoming” International Interdisciplinary Conference, ocorrido na Universidade de Lisboa, Portugal, em 03 de abril de 2023.

como aqueles mais técnicos, ao conceito latino de *persona*, comumente traduzido por *máscara*, termo este derivado da noção grega de πρόσωπον (*prósopon*).

Muitos são os pontos de vista e discursos que inauguram epistemologias para o debate sobre a noção de pessoa. A noção grega de *prósopon* ou então a sua tradução como máscara estão associados à noção de tragédia, onde o elemento determinante é o da narratividade existencial que determina o sentido do próprio existir a partir da *tragicidade dos acontecimentos da vida*. Acerca disso, basta considerarmos por exemplo a importância significativa da relação entre *sabedoria trágica* e *sabedoria prática* como fundo perspectivo da relação entre antropologia e ética, conforme acusou Paul Ricoeur em sua concepção de *identidade narrativa*. Com isso, tem-se que, no modo de constituição da identidade está a sua auto-fundação, portanto, numa posição de ipseidade, a dimensão do si que é firmada na tragicidade da ação em diálogo com aquilo que se é a mesmidade ou o imutável de si mesmo². Com tal aceno filosófico, este vindo de Ricoeur, posicionamos que o discurso sobre a pessoa assume vários polos falantes.

Já num discurso vindo da sociologia, a dimensão *persona* se configura também com os modos diversos de apresentar-se do sujeito na dinâmica social, derivando disso a noção de “papel”, isto é, o papel que o sujeito desempenha no mundo, sempre a ser significado também pela presença do outro. Associado a isso estão concepções de fundo antropológico e social, que amplamente referem-se ao entendimento da pessoa em contextos sociais e jurídicos, como as noções de indivíduo e cidadão. Nestas últimas o determinante é a possibilidade de responder pelos próprios atos ou então de identificar-se como sujeito social.

Outra dimensão da socialidade da noção de pessoa é o seu fundo teológico, onde a noção de pessoa fora utilizada a fim de justificar a pessoalidade da santíssima trindade no mundo cristão; pessoa *pai*, pessoa *filho* e pessoa *espírito santo*. Tal problemática possibilitou o avanço da discussão da pessoa no pleno desenvolvimento das teorias medievais. No VII livro de *De Trinitate*, Agostinho de Hipona relaciona pessoa humana e pessoa divina. A substância (*ousia*) de cada individualidade da trindade possibilita que cada uma seja tomada como pessoa. Aqui temos um Agostinho aristotélico, talvez advindo das leituras de Plotino³. O fato é que a nós interessa saber que também em teologia a questão da pessoa é indispensável.

² Cf. RICOEUR, Paul. *O si-mesmo como um outro*. Trad. Luci Moreira Cesar. Campinas: Papirus, 1991.

³ Cf. PAOLOZZI, Mariana. Contribuições agostinianas ao conceito de pessoa humana: problemas da ipseidade e da interpessoalidade. *Revista Veritas*, Porto Alegre, v. 64, n. 2, 2019, p. 2-24.

Com o Seráfico Doutor encontramos igualmente a centralidade da pessoa na substancialidade. A substancialidade, em seu contexto teológico é salva-guardada pelo sínolo entre forma e matéria, onde a forma dará a matéria a possibilidade da individuação. Logo na primeira questão da *Suma Teológica* Aquino diz: “Substantia enim est ens per se subsistens”⁴; isto é, a substancialidade é o que pode definir aquilo que é.

Por caminhos outros, a personalidade é discutida também em outras áreas, como na psicologia. Neste caso, a noção de *persona* remete-se ainda a de *personalidade*, considerada hoje como o conjunto móvel da multiplicidade de relações e traços constitutivos que podem constituir um indivíduo, quando não, à própria caracterização da pessoa pelo conjunto de transtornos ou sintomas que marcam a personalidade ou o indivíduo pessoa⁵. O conjunto de aferências aos sintomas poderia então ser o ponto propulsor onde a consciência busca resgatar algo que possibilite dizer: eu.

Outro elemento é o que considera o núcleo da personalidade a *consciência*. Deve-se considerar a importante relação lançada a partir de René Descartes com a *res cogitans*, o sujeito é um ente que se reconhece como substância pensante e saber-se duvidando é constatar a existência da própria consciência⁶.

Ainda outro elemento que aponta para a pertinência desta temática é a consideração de que, como defende Almeida⁷ é possível, em âmbito geral, apontar para um esvaziamento semântico da noção de pessoa. Tal esvaziamento semântico refere-se a um movimento progressivo e histórico dos termos, isto é, à medida que o uso expande-se, as formas de compreensão se tornam diversas e a raiz semântica nem sempre é tomada em consideração. Outra face ainda desta perspectiva, é o fato de que o uso do termo pessoa fora “roubado” por outras áreas, a pensarmos por exemplo na noção de “indivíduo” usada pelo Direito e que por vez é usada em sentido próximo à de pessoa, mas que parece ter uma significação bastante distante do quanto pensado filosoficamente.

O interesse movente de nossa investigação é apresentar a noção de pessoa presente no pensamento de Antonio Meneghetti a partir de sua Ontopsicologia, que para além de um originalidade filosófica é o fundamento de uma abordagem de condução psicoterapêutica. Em termos gerais a perspectiva parte de uma visão de psicoterapia centrada na pessoa aos

⁴ AQUINO, Tomás de. *Suma Teológica*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2009, I, q. 3, a. 5.

⁵ Cf. FEIST, J; FEIST, G; ROBERTS, T. *Teorias da Personalidade*. 8. ed. Porto Alegre: Artmed - Mc Graw Hill Education, 2015.

⁶ Cf. ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

⁷ Cf. ALMEIDA, Rogério Tabet. Pessoa enquanto categoria ontológica. *Cadernos da EMARF: Fenomenologia e Direito*. Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, 2017, p. 1-230.

moldes lançados pelo humanismo de Carl Rogers, mas que tem por finalidade, nas palavras do autor: “[...] levar o cliente do Eu disperso como “esse” ao Eu recolhido em perseidade ôntica”; conduzindo assim o “[...] reencontro do verdadeiro ôntico pessoal”⁸. Nesse sentido, trata-se de precisar numa proposta psicoterapêutica ou ainda, por ele próprio denominada de ontoterapêutica o seu fundo filosófico, a saber, o da pessoa como princípio ôntico.

Retornando às variadas posições que indagam a pessoa, se máscara, constituição móvel e transtornos formam o conjunto do que denominamos sujeito, que ontologia estamos pressupondo, uma análise do dado acidental ou substancial? Assim, nossa reflexão para este diálogo acadêmico partirá do caminho inverso: do Devir ao Ser, ainda que estes conceitos não possam ser separados. Desse modo, para além das dinâmicas do sujeito existente, há um substrato ôntico que permite falar em identidade no sentido pleno do termo, isto é, do acontecer do mesmo, daquilo que é? O que é em cada pessoa? O que está pressuposto no indivíduo homem como definição radical de um Eu Sou?

1. Perseidade ôntica: o fundo aristotélico

O pensamento de Meneghetti parte das fontes aristotélicas, que ao discutirem o estatuto ontológico do ente em a *Metafísica* e a *Física*, possibilitaram pontos importantes à fundamentação da epistemologia ontopsicológica, uma vez que nesta, o horizonte de critério é o ser individual, denominado de Em Si ôntico. Segundo o autor: “O Em Si ôntico é a forma inteligente do mundo-da-vida ao constituir o indivíduo. Para além do núcleo do Em Si ôntico existe o nada da individuação; do Em Si ôntico em diante existe a medida do homem”⁹.

Se no primeiro item de nosso estudo a noção de relação, organização e máscara foram mencionados, dirigimo-nos agora à fundamentação que nos dará a possibilidade de inferir a originalidade da noção de pessoa no contexto da Ontopsicologia, para isso faz-se necessário remontar à doutrina aristotélica e ao conceito *hypóstasis*.

Primeiramente, a de se considerar que a noção aristotélica de substância é bastante ampla em sua argumentação desenvolvida, sobretudo, no formidável texto *Metafísica*.

⁸ MENEGHETTI, Antonio. *Manual de Ontopsicologia*. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2010, p. 284

⁹ MENEGHETTI, Antonio. *Manual de Ontopsicologia*. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2010, p. 29

Uma análise precisa, certamente revela que em certa medida, as duplas *forma-matéria* e *potência-ato* estão ambas contidas na teoria da substância, *ousia*. Para Aristóteles a filosofia é antes de tudo, filosofia primeira, metafísica. Com isso, o proceder base de todo conhecimento está situado na capacidade de indagar pelo ser, pelo que é daquilo que é.

Diferente de Platão, a ontologia aristotélica parte de um realismo, isto é, de uma análise do ser enquanto substância. Nesse sentido, partir do ser enquanto substância significa considerá-lo em seu dado real, isto é, *ón é ón*: o ser enquanto ser (Ontologia Geral) e não *ontós ón*, o ser enquanto verdadeiro ou pensado. É certo que ambas as perspectivas estão presentes em Aristóteles, mas há de predominar uma, a do ser enquanto ser, que sendo, é portanto, *substância*, mostra-se naquilo que é, nada além do que é, de modo que o que é, é enquanto substância.

Assim, em algumas passagens da *Metafísica* o Estagirita coloca-nos diante da significância real de ser em categoria substancial: “Todas as coisas são ditas substâncias porque não são predicadas de um substrato, mas todo o mais é predicado delas”¹⁰ e ainda “[...] chama-se substância de cada coisa também a essência, cuja noção define a coisa”¹¹.

Em Aristóteles, a *Metafísica* é precedida pela Física, que fornece à substancialidade daquilo que é, e que ontologicamente pode ser lido a partir de quatro causas. Naquilo que é predomina o real, onde substância significa, antes de tudo, sujeito, aquilo que está posto, ou, a *entência* radical daquilo que é. A isso os latinos chamaram *quidditas*, quiddidade. Para Aristóteles a causa essencial daquilo que é mostrando-se em quatro tipos tem por primeiro a substância que é também entendida por forma: “Num primeiro sentido, dizemos que causa é a substância e a essência. De fato, o porquê das coisas se reduz, em última análise, à forma e o primeiro porquê é, justamente, uma causa e um princípio”¹².

Para o Estagirita, a quiddidade revela-se: *tó tí ên êinai* - o que é dado ser. Mas o que é dado não é aqui um atributo, um substantivo e sim, o próprio ser ou entência. A condição de entência é em então substância, forma, causa e princípio. Antes de qualquer atribuição à constituição radical de que algo é e o é por natureza e assim sendo, é forma, *morphos*. Aristóteles parte assim da radicalidade do ser enquanto ser, daquilo que é, em base última, *forma* e que, na sua simplicidade ôntica é, antes de tudo, *matéria*, dado hilético.

Nos interessa então saber que há a radicalidade daquilo que é, a *quiddidade* que se atribui a um ente, nada revelando senão que ele justamente é, portanto, uma substância

¹⁰ ARISTÓTELES. *Metafísica*. Trad. Marcelo Perini. São Paulo: Loyola, 2015, livro Delta, 1017b, 10.

¹¹ ARISTÓTELES. *Metafísica*. Trad. Marcelo Perini. São Paulo: Loyola, 2015, livro Delta, 1017b, 20.

¹² ARISTÓTELES. *Metafísica*. Trad. Marcelo Perini. São Paulo: Loyola, 2015, livro Alfa, 983a, 25.

formal (*ousia eidiké*). À substância entendida como causa formal, forma, parecem “sujeitar-se” todas as outras causas. Se à denominação da pessoa recorremos à identidade, pode-se considerar então que também a compreensão lógica aqui sujeita-se à ontologia do real, ou seja, o princípio de identidade é a expressão lógica do princípio de substância e então, pensar a pessoa exige a reversibilidade especular que tende a identificar sempre uma substância que é predominantemente formal.

À ontologia da forma, soma-se, nos livros Z e H da *Metafísica*, o aspecto sensível e a dimensão material. O substrato é material e assim, se transpomos a estrutura ontológica à realidade ôntica da pessoa, o dado hilético é condição essencial. A substância é substância portanto também sensível, pois não se trata de um formal vazio, mas sempre preenchido pela dimensão hilética, ou seja, é como se Aristóteles recorre-se ao dado sensível para dar visibilidade ao ser. Mas o que interessa saber é em que medida a unidade formal e material da substância levam-nos a uma segura fundamentação da identidade pessoal. Como resposta, um importante conceito apresenta-se: *hypokeimenon*.

No livro Z de *Metafísica* Aristóteles afirma que o que é substância é também indivíduo e o movimento não retira o dado substancial daquilo que se move¹³. Já aqui, a substância passar ser tomada a partir da unidade entre matéria forma, uma vez que para o filósofo a substância, enquanto substrato material possui, nela própria, o elemento formal formando assim o sínolo. O sínolo entre matéria e formal tem mais força de substrato do que somente a matéria. Nesse sentido, Aristóteles indaga sobre a possibilidade de saber se a realidade material, que daria expressão à individualidade poderia estar conexas à sua essência e se assim, podemos considerar sínolo a individuação enquanto pessoalidade.

Assim, prontamente, se fugir à análise aristotélica, podemos inferir que pessoa é individuação, cada pessoa é uma individuação e cada individuação uma essência. O ser enquanto ser é individuação, ou ainda, *kath auto pephukos*, aquilo que tem uma existência própria e que a sua individualidade coincide com a sua essência¹⁴.

No livro Delta¹⁵ temos a perspectiva de que aquilo que é por si, portanto, individuação, *kath autó*, ou como os latinos chamaram: de *per se*. Como logo veremos, a fundamentação de pessoa em Meneghetti reside nesta perspectiva. Mas o que Aristóteles compreendeu propriamente com “por si”?

¹³ ARISTÓTELES. *Metafísica*. Trad. Marcelo Perini. São Paulo: Loyola, 2015, livro Z, 1028a, 20.

¹⁴ ARISTÓTELES. *Metafísica*. Trad. Marcelo Perini. São Paulo: Loyola, 2015, livro Z, 1031b, 20.

¹⁵ ARISTÓTELES. *Metafísica*. Trad. Marcelo Perini. São Paulo: Loyola, 2015, livro Delta, 1021b, 18.

Para o filósofo, *por si* significa a dimensão substancial, “[...] o substrato primeiro no qual alguma coisa se gera por sua própria natureza”¹⁶, bem como: “Por si, enfim, se dizem todos os atributos que pertencem a um único tipo de sujeito e na medida em que é único”¹⁷.

Aquilo que se auto gera a si, tem implícita a potencialidade inerente ao próprio substrato. Assim, do par *matéria-forma* como substância e substrato, passamos ao par *potência-ato*.

Um olhar crítico poderia até aqui justificar que a perspectiva aristotélica seria incapaz de escapar da herança do mestre Platão. Por outro lado, se afrontada da dimensão da potência-ato, adentramos ao problema do movimento e aí Aristóteles assume plena originalidade. Filosoficamente o problema do movimento, que sabemos bem, fora criticado por Platão e esteve presente nas doutrinas ontológicas dos pré-socráticos. Assim, de início convém já dizer que a potência é um movimento do ser em direção ao seu ato, ao total de si e que disto, pode-se inferir que o sujeito ou pessoa é uma identidade com tensão a realização, de si própria.

Assim, a noção de ato assume na ontologia aristotélica uma espécie de endereçamento ao total de si. Por total de si, usamos aqui um figurativo ao elemento formal do ser, ou seja, ao fim, o endereçamento se destina ao total e pleno do próprio de si.

Neste sentido podemos compreender que a potência é uma espécie de tendência, ou seja, a matéria que potencialmente tende aquilo que já lhe é constituído na base, a saber, a forma. A originalidade de Aristóteles aqui está em compreender que este movimento não destina-se a um não-ser, a um diverso, mas ao próprio.

Ainda no livro Delta encontramos a afirmação de que potência é aquilo cujo contrário não é necessariamente falso. Logo, infere-se disto a possibilidade ôntica da dimensão atual do ser e, em termos que a nós aqui interessam, do sujeito constituir-se em ato aquilo que é em identidade. Implica disso pensar que o movimento potencial atualiza a própria substância num estado outro mas assegurando a própria identidade ou substrato, que como visto, está sempre presente na matéria. Portanto, a quiddidade imanente identifica assim a forma inclusa na matéria como elemento de individuação e individuação implica potência, movimento e constituição.

¹⁶ ARISTÓTELES. *Metafísica*. Trad. Marcelo Perini. São Paulo: Loyola, 2015, livro Delta, 1022a, 15.

¹⁷ ARISTÓTELES. *Metafísica*. Trad. Marcelo Perini. São Paulo: Loyola, 2015, livro Delta, 1022a, 35.

Uma vez que passamos, propedeuticamente, ao exame da doutrina substância na Metafísica de Aristóteles convém irmos de imediato à noção de pessoa na Ontopsicologia de Meneghetti.

2. A perspectiva ontopsicológica

Para Meneghetti¹⁸, a pessoa é compreendida na radicalidade de entência, o homem é participação ôntica junto ao Ser Absoluto que possibilita o real, mas reconhece-se como substância, um ente, vivo encarnado e portador de identidade, isto é: “O ente é substância, é substancial enquanto é visto mudar os próprios estados, os próprios modos, as próprias aparências, permanecendo porém sempre uma específica entidade; ou seja, a substância opera em mais efeitos, mas é fixa na própria identidade”¹⁹. Assim, o primeiro ponto sinalizador da pessoa é o de substância, que como vimos, segue a perspectiva aristotélica.

O segundo elemento a reforçar a dimensão substancial da noção pessoa em Meneghetti é a atribuição semântica e etimológica do termo. O autor atribui à etimologia de pessoa a constituição latina de *per se*²⁰, isto é, aquilo que é em si e por si, que em certa medida nos remete à constituição aristotélica da noção de pessoa. Portanto, o ponto de partida não é a *persona*, mas de *per se*, que como verificado é um atributo aristotélico da substância na condição de individuação.

A Ontopsicologia reconhece no indivíduo uma força propulsora básica, de modo que o solo último da pessoa terá na consciência a possibilidade já fenomenal desta força, que por sua vez, derivaria de um local ainda outro. Para uma compreensão, basta tomar por certo a realidade psíquica da pessoa enquanto fundamento de posições e correlações, mas o movente último da atividade psíquica deve estar a pressupor-la e nisto reside justamente a personalidade. Assim, o autor italiano infere o que denominou de “Em Si ôntico”, o “[...] princípio formal inteligente que faz autólise histórica”; ou ainda, “[...] princípio ôntico existencial no homem”²¹. Prontamente, a tarefa a qual propõe-se a Ontopsicologia é do remontar qualquer aferência ao sujeito humano ao núcleo último de sua personalidade, que

¹⁸ Cf. MENEGHETTI, Antonio. *Da consciência ao ser: como impostar a filosofia do futuro*. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2014.

¹⁹ MENEGHETTI, Antonio. *Da consciência ao ser: como impostar a filosofia do futuro*. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2014, p. 45.

²⁰ Cf. MENEGHETTI, Antonio. *Dicionário de Ontopsicologia*. 1. ed. rev. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2001.

²¹ MENEGHETTI, Antonio. *Dicionário de Ontopsicologia*. 1. ed. rev. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2001, p. 55

a partir de tal olhar, necessita do recurso à ontologia para fazer-se compreensão. Para que possamos acessar a posição original da Ontopsicologia se faz necessário compreender a estruturação da qual partiu Meneghetti.

Em Ontopsicologia, Meneghetti delimita a noção de *perseidade* ôntica²² como delimitação da noção de pessoa. Assim, passa-se de uma perspectiva que reintroduz na reflexão contemporânea e na prática psicoterápica a centralidade na pessoa a partir do elemento identidade: o Em Si ôntico como critério. A operatividade clínica da Ontopsicologia e o seu posicionamento filosófico estão alicerçados já na premissa que lhe consente o termo: ontopsicologia, onde o psíquico é sempre tomado a partir do ponto estruturante ôntico.

Um terceiro elemento singulariza a perspectiva de Meneghetti. A personalidade é potencial, portanto movimento. Assim como na doutrina aristotélica a potencialidade movimenta a própria substância, o processo de devir existencial do sujeito humano implica um “tornar-se pessoa”.

Se o núcleo substancial da pessoa é o seu Em Si ôntico, este assume algumas características. Para Meneghetti a dimensão potencial da pessoal está enraizada no fato de que o próprio Em Si ôntico é virtual, “[...] toda a sua atividade ou crescimento é sempre inerente e um projeto formal que se explicita em polivalentes efeitos dependentes de uma idêntica forma, a qual, antes de se efetuar, permanece somente possível”²³. Ora, justamente Aristóteles delimitou que se o substrato é material e nele está previsto o movimento, a dimensão potencial concretiza a possibilidade da forma. Outrossim, o tornar-se pessoal depende do movimento.

O movimento não cria outro que não o próprio, assim, o devir pessoal em ontopsicologia implica a dimensão atual da forma natural ou então identidade pessoal. A modulação deste mover-se da substância ou Em Si ôntico é denominado de holístico-dinâmico, que para o autor significa: “[...] o que age todo junto com expansão centrípeta e é sem partes”²⁴.

Para o fundador da Ontopsicologia, a pessoa deve ser considerada sempre neste movimento entre identidade existencial e tornar-se mediante o próprio endereçamento

²² Cf. MENEGHETTI, Antonio. *Manual de Ontopsicologia*. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2010.

²³ MENEGHETTI, Antonio. *Manual de Ontopsicologia*. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2010, p. 160.

²⁴ MENEGHETTI, Antonio. *Manual de Ontopsicologia*. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2010, p. 160.

ôntico, o que como visto, está enraizado na perspectiva aristotélica. Para Meneghetti: “O ser individual não pode tornar-se, se o potencial não é já intrínseco na essência” uma vez que “[...] A intrínseca possibilidade de tornar-se, de ser, depende da essência formal do sujeito, da causa, de fazer ou não fazer autóctone, autoposição de si mesmo em outro modo ou efeito”²⁵.

Com tal perspectiva, abrem-se dois pontos significativos: a pessoa é sujeito; o sujeito potencialmente tende a tornar-se aquilo que em essência já é. Sobre este último aspecto, o tornar-se a si mesmo, abre-se uma leitura significativa e original da Ontopsicologia, em certa medida, presente em alguns autores renascentistas, como Picco Della Mirandola, o tornar-se como dignidade da pessoa.

A primeira publicação de Meneghetti, *Ontopsicologia do Homem* delimita já o campo específico da Ontopsicologia ao passo que situa sua compreensão antropológica. Segundo o autor: “O ponto que caracteriza a Ontopsicologia, conforme minha visão, é a premissa explícita do significado ôntico do homem como originário metafísico que se individua no existencial [...]”²⁶. Assim, fica bastante clara a perspectiva, o homem é participação ou acontecimento ôntico. A centralidade da concepção antropológica e da noção de pessoa em Ontopsicologia está justamente no seu fundo metafísico, premissa explícita.

Tal concepção não está distante da visão renascentista de homem, onde a dignidade do sujeito humano, da pessoa, está em ser acontecimento ôntico, isto é, acontecimento ou modo do Ser e, a partir disso, tornar-se. O acontecimento do homem revela-se em duas posições: *a problematicidade do existir* e *a oportunidade em tornar-se*. Para Meneghetti: “O homem é um problemático aberto cuja solução fica em dependência de um valor a realizar”²⁷. Ainda quanto à categoria de autorrealização, o autor afirma: “O homem é infinitamente mais do que seu ato e é uma subsistência consciente de poder ser”²⁸. O que prontamente podemos reconhecer a partir do local em que o sujeito humano enquanto pessoa, de per se, identidade, ocupa, é a centralidade do próprio ato autorreferencial. Nesse sentido, a realidade é sempre medida pela presença autoevidente do sujeito.

²⁵ MENEGHETTI, Antonio. *Da consciência ao ser: como impostar a filosofia do futuro*. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2014, p. 44.

²⁶ MENEGHETTI, Antonio. *Filosofia Ontopsicológica*. 5. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015, p. 22.

²⁷ MENEGHETTI, Antonio. *Filosofia Ontopsicológica*. 5. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015, p. 13.

²⁸ MENEGHETTI, Antonio. *Filosofia Ontopsicológica*. 5. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015, p. 13.

Por fim, um último e quarto elemento sobre a pessoa em Ontopsicologia, a partir de seu núcleo íntimo, Em Si ôntico é o de considerá-lo critério de operatividade epsitêmica. Como perspectiva preliminar está a constatação de que historicamente os extremos de um ponto de vista psicologista ou fisicalista objetivaram ambos a realidade do conhecimento de modo que a crítica desenvolvida por Edmund Husserl a partir de sua Fenomenologia torna-se um elemento propedêutico à Ontopsicologia.

Os textos de Meneghetti apontam para a fenomenologia de Edmund Husserl como um dos elementos indagadores e propulsores para a refundação de um proceder científico vinculado ao homem. A não realidade do proceder científico fora tematizada por Husserl nas conferências de Praga e Viena²⁹, tematizadas na *Krisis* e sobretudo, na apresentação do método fenomenológico que justifica a verdade do mundo no núcleo de uma consciência transcendental, no seio do próprio homem.

A fenomenologia de Edmund Husserl forneceu a Meneghetti a compreensão de dois pontos fundamentais: o acesso ao homem pressupõe a redução de seus posicionamentos de consciência (epoché); uma vez reduzida a consciência o solo transcendental assegura a essência da relação homem-mundo (eidética).

A conclusão de *Meditações Cartesianas* evidencia a necessidade do reencontro da ciência ao homem. De acordo com o filósofo:

A expressão délfica conhece-te a ti mesmo alcançou um novo significado. Ciência positiva é ciência na subtração-do-mundo (Weltverlorenheit). É preciso, antes, perder o mundo mediante a epoché para ganhá-lo de novo em autorreflexão universal. Noli foras ire, diz Agostinho, in te redi, in interiore homine habitat veritas³⁰.

Uma vez que à fenomenologia interessa a manifestação última da realidade eidética no homem, o valor da crítica husserliana possibilitou à proposta ontopsicológica acusar a despersonalização da própria pessoa em âmbito científico, mas que Meneghetti, estenderá precisamente ao campo de uma psicologia e que, por sua vez, responde com uma psicologia do homem enquanto pessoa em fundamento ôntico, isto é, uma ontopsicologia.

A correlação noético-noemática implícita na perspectiva husserliana lançou olhar sobre a estrutura da consciência humana como fator de critério ao proceder científico. Edmund Husserl, na *quinta lição* em *A ideia da fenomenologia* afirmou que: “O procedimento intuitivo e ideador dentro da redução fenomenológica mais rigorosa é a sua

²⁹ Cf. HUSSERL, Edmund. *A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental: uma introdução à Filosofia Fenomenológica*. Trad. Diogo Falcão Ferrer. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

³⁰ HUSSERL, Edmund. *Meditações Cartesianas: uma introdução à fenomenologia*. Trad. Fabio Mascarenhas Nolasco. São Paulo: EDIPRO, 2019, p. 167.

propriedade exclusiva, é o método especificamente filosófico na medida em que esse método pertence essencialmente ao sentido da crítica do conhecimento, e, assim, em geral, a toda crítica da razão”³¹. Para Husserl, a fenomenologia em sua posição eidética assegura à ciência o seu poder intuitivo. Na subtração do mundo o homem defronta-se com a realidade dele próprio, princípio originário de todo o saber e constituição última do seu ser homem, portador do *logos*. Outrossim, recorda Meneghetti³² que é o formal psíquico do homem ou substância intencional a fonte e origem do que se manifesta como sentido, significado e realidade veritativa.

A noção de pessoa responde, primeiramente, a própria posição criteriante do agir científico. É como se em Ontopsicologia, assegurar a radicalidade cognoscente da pessoa possibilitasse resolver o problema crítico do conhecimento. O que por trás disso se manifesta é a pessoa e o sujeito humano. A que ponto a garantia da verdade cognoscente possibilita estar na pessoa o fundamento do proceder científico? Novamente, é o recurso a ontologia que assegurará a solução.

Max Scheler centralizou a questão do homem no interior de sua investigação filosófica, ao ponto que dele se origina o *personalismo*. Em 1928 o filósofo alemão escreveu *A Posição do Homem no Cosmos (Die Stellung des Menschen im Kosmos)* indagando sobre a posição do homem no ser universal. Ainda no contexto fenomenológico pós-husserliano temos a figura de Edith Stein que escreveu *A Constituição da Pessoa Humana (Der Aufbau der menschlichen Person)*, em 1933. De acordo com Bavaresco (2017) os elementos constitutivos da pessoa para Stein são o de ser um ente *espiritual e livre*.

Mas será com o acréscimo do fundo medieval sobre Aristóteles que a pessoa em seu fundamento ôntico aparece como elemento epistemológico em Ontopsicologia. Conforme destaca Zenorini³³, uma nova posição na história da Ontologia Ocidental é marcada com o pensamento de Ioannis Duns Scotus a partir da noção latina de *haecceitas*. Assim o que se pode compreender é que: “O ente individual deve conter em si algo que não está contido na noção de natureza comum e que dispõe tal natureza, a contrai de modo a ser uma coisa determinada na sua individualidade (*ad esse hanc rem*)”.

³¹ HUSSERL, Edmund. *A ideia da fenomenologia*. Petrópolis: Vozes, 2020, p. 115.

³² Cf. MENEGETTI, Antonio. *Manual de Ontopsicologia*. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2010.

³³ ZENORINI, Paolo. O nexó ontológico: conhecimento e realidade subjetiva. *Revista Brasileira De Ontopsicologia - Brazilian Journal of Ontopsychology*, Restinga Sêca, v. 1, n. 1, 2021, p. 175.

A noção de *haecceitas*, ecceidade, para melhor representar a noção de sujeito ou individuação. Do núcleo pessoal, o Em Si ôntico como critério é realidade ecceica e age por um modo de “empirismo ecceico”³⁴. A pessoa enquanto identidade é critério de conhecimento ecceico, logo por si e de per si, o que implica considerar que, segundo Scotus, o modo de conhecer da pessoa é por *intuição* e não *abstração*. E com Zenorini (2021), a apropriação meneghettiana da ecceidade de Scotus afirma duas possibilidades: a irrepetibilidade do ente histórico, a saber a própria pessoa e, a atualidade experimental da pessoa como específica individuação.

Se com Edmund Husserl o solo último do saber manifesta a consciência transcendental e o sujeito como critério, em Ontopsicologia, a partir da perspectiva da ecceidade, toda consciência transcendental ou consciência ôntica³⁵ é em modo de concretude existência. Na condição de autopresença cognoscente em unidade com o próprio critério (cun uno esse) a pessoal é critério de saber.

Considerações finais

A investigação buscou salientar a originalidade da noção de pessoa na Ontopsicologia de Antonio Meneghetti. Tal perspectiva reafirma o solo ôntico inerente a noção de pessoa uma vez que esta é sinônimo de individuação. O fundo primeiro adveio da doutrina aristotélica da substância a partir das duplas matéria-forma e potência-ato. Com o problema crítico do conhecimento lançado por Edmund Husserl, Meneghetti infere que o resgate da dimensão ôntica da noção de pessoa a situa como critério efetivo e epistêmico de conhecimento. O saber é inerente ao homem que apreende por evidência ôntica o real, inerente sempre à própria individuação. Da possibilidade última da intuição do ente específico a doutrina da ecceidade de Scotus somou-se à perspectiva de Meneghetti conferindo assim à pessoa o solo de princípio de individuação, potencialidade de realização e critério epistêmico.

Referências

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

³⁴ Cf. MENEGETTI, Antonio. *Manual de Ontopsicologia*. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2010.

³⁵ Cf. MENEGETTI, Antonio. *Manual de Ontopsicologia*. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2010.

- AQUINO, Tomás de. *Suma Teológica*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2009.
- ARISTÓTELES. *Metafísica*. Trad. Marcelo Perini. São Paulo: Loyola, 2015.
- ALMEIDA, Rogério Tabet. Pessoa enquanto categoria ontológica. *Cadernos da EMARF: Fenomenologia e Direito*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, 2017, p. 1-230.
- FEIST, J; FEIST; G; ROBERTS, T. *Teorias da Personalidade*. 8. ed. Porto Alegre: Artmed - Mc Graw Hill Education, 2015.
- HUSSERL, Edmund. *A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental: uma introdução à Filosofia Fenomenológica*. Trad. Diogo Falcão Ferrer. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.
- HUSSERL, Edmund. *Meditações Cartesianas: uma introdução à fenomenologia*. Trad. Fabio Mascarenhas Nolasco. São Paulo: EDIPRO, 2019.
- HUSSERL, Edmund. *A ideia da fenomenologia*. Petrópolis: Vozes, 2020.
- MENEGHETTI, Antonio. *Da consciência ao ser: como impostar a filosofia do futuro*. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2014.
- MENEGHETTI, Antonio. *Dicionário de Ontopsicologia*. 1. ed. rev. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2001.
- MENEGHETTI, Antonio. *Filosofia Ontopsicológica*. 5. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015.
- MENEGHETTI, Antonio. *Manual de Ontopsicologia*. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2010.
- MESQUITA, Raul; DUARTE, Fernanda. *Dicionário de Psicologia*. Portugal: Plátano Editora, 1996.
- PAOLOZZI, Mariana. Contribuições agostinianas ao conceito de pessoa humana: problemas da ipseidade e da interpessoalidade. *Revista Veritas*, Porto Alegre, v. 64, n. 2, 2019, p. 2-24.
- RICOEUR, Paul. *O si-mesmo como um outro*. Trad. Luci Moreira Cesar. Campinas: Papyrus, 1991.
- ZENORINI, Paolo. O nexu ontológico: conhecimento e realidade subjetiva. *Revista Brasileira De Ontopsicologia - Brazilian Journal of Ontopsychology*, Restinga Sêca, v. 1, n. 1, 2021, p. 173–181.